



Faculdade de Pindamonhangaba



**Beatriz Oliveira Barreto
Caroline Fernandes Carvalho Pedroso
Mariana Oliveira Barreto**

**A RELAÇÃO DO MEDO COM O DESENVOLVIMENTO
INTELECTUAL DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Pindamonhangaba - SP
2018**



Faculdade de Pindamonhangaba



Beatriz Oliveira Barreto
Caroline Fernandes Carvalho Pedroso
Mariana Oliveira Barreto

A RELAÇÃO DO MEDO COM O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba/FUNVIC.

Orientadora: Profa. MSc. Sandra Maria Silva Costa.

Pindamonhangaba - SP
2018

Barreto, Beatriz Oliveira; Pedroso, Caroline Fernandes Carvalho; Barreto, Mariana Oliveira.

A relação do medo com o desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil / Beatriz Oliveira Barreto; Caroline Fernandes Carvalho Pedroso; Mariana Oliveira Barreto / Pindamonhangaba-SP: FUNVIC Fundação Universitária Vida Cristã, 2018. 27f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) FUNVIC-SP.

Orientadora: Profa. MSc. Sandra Maria Silva Costa.

3.1 Medo, fobia e pânico. 3.1.1 Timidez e fobia social. 3.1.2 Medo em crianças: realidade e fantasia. 3.1.3 Medo como sistema de defesa. 3.2 Desenvolvimento Infantil. 3.3 Relação da aprendizagem com o medo.

I A relação do medo com o desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil. II Barreto, Beatriz Oliveira; Pedroso, Caroline Fernandes Carvalho; Barreto, Mariana Oliveira.



Faculdade de Pindamonhangaba



**BEATRIZ OLIVEIRA BARRETO
CAROLINE FERNANDES CARVALHO PEDROSO
MARIANA OLIVEIRA BARRETO**

**A RELAÇÃO DO MEDO COM O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DA
CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba/FUNVIC.

Orientadora: Profa. MSc. Sandra Maria Silva Costa.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba/FUNVIC
Assinatura _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba/FUNVIC
Assinatura _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba/FUNVIC
Assinatura _____

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que é a minha base, à minha família que em todos os momentos me apoiou e incentivou a terminar o que comecei, e ao meu namorado Davi que esteve comigo em todas as etapas, me lembrando de que sou capaz, que acreditou e me auxiliou nas dificuldades.

Beatriz

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, pois nada existe se não por Ele; à minha mãe Elizete, por sempre acreditar nos meus sonhos; ao meu marido Eduardo, por ser meu parceiro e minha estrutura durante todo o caminho até aqui e à minha filha, por ser a grande inspiração da minha vida e por recarregar minhas energias com o seu amor.

Caroline

Dedico esse trabalho a Deus, pois sem Ele, eu nada sou. À minha mãe, Adriana, meus irmãos Letícia e Vinícius e meu amado noivo, Samuel que me apoiaram, me incentivaram e acreditaram em mim. Sem eles, eu jamais teria chegado até aqui.

Mariana

AGRADECIMENTOS

À Professora Mestre Sandra Maria Costa Silva, nossa orientadora, que aceitou esse desafio e contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Mestre Marina Buselli, pela disponibilidade e apoio oferecido referente à formatação exigida para a monografia.

Ao Professor Doutor Alan Ricardo de Sousa Araújo pela disponibilização de obras literárias de seu acervo pessoal que fomentaram essa pesquisa.

À Professora Fernanda Gonçalves de Carvalho por nos amparar e nos motivar em momentos pontuais no decorrer da elaboração deste trabalho.

Ao Programa Universidade Para Todos (PROUNI) que possibilitou chegarmos até aqui.

*“Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada!”
Sigmund Freud*

RESUMO

Este trabalho relaciona o medo com o desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil, partindo do pressuposto que tal sentimento afeta diretamente a linguagem, que se faz essencial para a aquisição da aprendizagem. Na tentativa de relacionar o medo com o desenvolvimento intelectual da criança, se destacaram autores que trouxeram essa relação para o meio educacional, através de pesquisa bibliográfica. Para compreender o desenvolvimento infantil em sua totalidade, o estudo das emoções se torna imprescindível, pois elas são o início de todo o desenvolvimento humano. O medo apresenta-se de forma defensiva e pode enfraquecer a comunicação entre o indivíduo e o mundo exterior. O medo como sentimento é natural, comum e inerente a todo e qualquer ser humano. Se tal sentimento se intensificar na fase infantil, pode causar prejuízos ao seu desenvolvimento intelectual e gerar uma inibição em sua comunicação, dificultando o andamento natural e saudável da aprendizagem. Para que a criança se desenvolva integralmente, ela precisa atingir alguns critérios no processo evolutivo que irá possibilitar um crescimento harmonioso, dentre tais parâmetros encontra-se a aquisição e desenvolvimento da fala, elemento fundamental para uma aprendizagem significativa. Essa é a ponte entre o sujeito e a aprendizagem, portanto, qualquer fator que interfira nesse processo deve ser investigado, a fim de possibilitar o restabelecimento emocional da criança. Para isso, a afetividade desempenha um papel de extrema importância, pois desenvolve a confiança que viabiliza a interação social. A família e a escola devem juntas desenvolver um relacionamento afetivo com a criança, para oportunizar um tratamento, contando com o apoio de especialistas se necessário.

Palavras-chave: Medo. Aprendizagem. Desenvolvimento Intelectual. Linguagem.

ABSTRACT

This work relates the fear to the intellectual development of the child in Early Childhood Education, based on the assumption that such feeling directly affects the language, which becomes essential for the acquisition of learning. In an attempt to relate the fear to the intellectual development of the child, authors who brought this relationship to the educational environment were highlighted through bibliographic research. To understand child development in its entirety, the study of emotions becomes indispensable, for they are the beginning of all human development. Fear presents itself defensively and can weaken communication between the individual and the outside world. Fear as feeling is natural, common and inherent in every human being. If such a feeling intensifies in the infantile phase, it can cause damage to its intellectual development and generate an inhibition in its communication, hindering the natural and healthy progress of the learning. In order for the child to develop integrally, it must meet some criteria in the evolutionary process that will allow harmonious growth, among these parameters is the acquisition and development of speech, a fundamental element for meaningful learning. This is the bridge between the subject and the learning, therefore any factor that interferes in this process must be investigated in order to enable the emotional reestablishment of the child. For this, affectivity plays a role of extreme importance, because it develops the trust that enables social interaction. The family and the school must together develop an affective relationship with the child, to provide a treatment, counting on the support of specialists if necessary.

Key words: Fear. Learning. Intellectual Development. Language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MÉTODO	10
3 REVISÃO DA LITERATURA	11
3.1 MEDO, FOBIA E PÂNICO.....	11
3.1.1 Medo como sistema de defesa	12
3.1.2 Timidez e Fobia Social	14
3.1.3 Medo em crianças: realidade e fantasia	14
3.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	15
3.3 RELAÇÃO DA APRENDIZAGEM COM O MEDO.....	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu a partir de experiências que ocorreram durante o estágio realizado pelas autoras na Educação Infantil, quando crianças demonstraram situações de medo que passaram a prejudicar a comunicação com os colegas e o professor.

Deparamos-nos com a necessidade de estudar as emoções, sendo o medo o nosso foco principal. Elas devem ser consideradas tão importantes quanto a própria inteligência, pois são o elo da vida orgânica à psíquica, sem as emoções é impossível ter um conhecimento completo do ser humano (ALMEIDA, 2007). Portanto, qual a relação do medo com o desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil?

Segundo Tarumoto e Tamaru (2012), o medo influencia na maneira como nos relacionamos com pessoas à nossa volta, pode bloquear a interação e o canal de comunicação professor-aluno, sendo prejudicial à estruturação do discente na Educação Infantil. Diante disso, questionamos até que ponto o medo vivenciado pela criança pode prejudicar seu desenvolvimento intelectual. Pondé (2012) afirma que o medo, enquanto afeto humano, pode impactar diretamente tanto no psiquismo, quanto em sua rotina diária. É através dos efeitos do medo que se pode mensurar a intensidade do seu impacto. Para o professor, “saber lidar com as circunstâncias emocionais na sala de aula, muito frequentes nos alunos da faixa etária entre três e seis anos, é uma garantia para o desenvolvimento das atividades escolares.” (ALMEIDA, 2007, p. 14).

Este trabalho visa abordar a relação entre o medo e o desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil. Então, como abordar essa problemática para melhor compreensão e aplicação na prática educativa?

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fazendo-se uso de livros e artigos sobre os seguintes temas: medo infantil, desenvolvimento infantil, linguagem, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento afetivo, aprendizagem, fobia, pânico, psicologia das emoções, ansiedade. A busca foi realizada em bibliotecas de Pindamonhangaba e em *sites* especializados, principalmente no Scielo, partindo-se das palavras-chave: medo, criança, Educação Infantil, mutismo seletivo, desenvolvimento infantil, pânico, ansiedade, linguagem, aprendizagem, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento afetivo.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 MEDO, FOBIA E PÂNICO

O medo apresenta-se cada vez mais como um objeto de estudo da patologia, cuja observação se impõe com um olhar para o ser humano de uma forma unilateral (PONDÉ, 2012). O medo se manifesta diante de acontecimentos causados pelo ambiente ou por pessoas, que podem ser interpretados pelo organismo como sendo ameaçador, resultando a falta de controle ou a incerteza perante ao que pode ocorrer. Constantemente, a fuga é uma resposta a tais situações amedrontadoras e tem por objetivo a volta da segurança do indivíduo (MIGUEL, 2015). O medo é conceituado como temor a algo que é externo ao ser humano. Para quem o sente, apresenta perigo real que irá ameaçar de alguma forma sua integridade física ou psicológica. É visto também como estado emocional de alerta ao perigo, caracterizado por um conhecimento intelectual do indivíduo (MARQUES; GRADVOHL; MAIA, 2010). O medo pode ser definido como um sentimento de inquietação frente a uma situação de perigo real ou imaginário, de ameaça, pavor e temor (FERREIRA, 2005). O medo é estado de defesa em consequência a um perigo concreto, diferentemente da ansiedade, que é o estado de defesa em virtude a um perigo abstrato (FIORI, 1999).

Geralmente, o medo na infância é transitório e não causa grandes danos, pois faz parte do desenvolvimento infantil. Porém, se persistir por longos períodos, pode desencadear grandes complicações para a criança e sua família. A vivência do medo transitório é uma capacidade biológica inata e contribui para o desenvolvimento da habilidade de enfrentamento, portanto, o medo adequado à idade da criança se faz necessário para a aprendizagem (GÓES et al., 2010; SINGH; MORAES; AMBROSANO, 2000).

Medo e fobia são termos relacionados, contudo, ambos se diferem, pois, o medo é uma reação ansiosa frente a situação de certo perigo que todo o ser humano já passou e fobia, por sua vez, define-se como uma doença que se caracteriza por um temor incontrolável. O medo em nosso organismo é algo saudável, a ausência dele pode ser alvo de estudos. É uma forma do corpo alertar e ativar o instinto de sobrevivência sobre uma possível situação de perigo. Ao longo da infância, a criança sente diversos tipos de medo, como o de aranhas, o de escuro e de palhaços, assim que a criança cresce e amadurece é comum que esses temores desapareçam. Quando os medos se tornam incontroláveis, passam a prejudicar o desenvolvimento saudável

da criança, desenvolvendo uma possível fobia, que é caracterizada como um temor persistente e irracional, faz com que o sujeito evite conscientemente atividades e situações específicas. A pessoa apresenta uma angústia que se expressa em violenta reação de fuga persistente, manifestada por um medo real ou imaginário (LEMOS; MUSSOI, 2010).

De modo geral, a fobia é um caso específico de ansiedade, que é causada pela relação entre o meio ambiente e um organismo sensível, sendo ele suscetível a ação de estressores. Quando somados a fatores históricos e culturais, cria-se a possibilidade da ansiedade se tornar fobia (MESTRE; CORASSA, 2000).

Pânico é uma outra nomenclatura para crises de angústia, que são classificadas como um período de medo ou desconforto intenso, sendo possível observar alguns sintomas como palpitações, coração pulsando forte, tremores, falta de ar, dor no peito, náuseas e tontura (BESSET; NIGRI; ALMEIDA, 1999). O diagnóstico baseia-se em: ataques de pânico, ansiedade antecipatória, esquiva ou evitação fóbica. Geralmente, as pessoas que têm esse transtorno acreditam ter um problema físico e não psicológico, por isso, procuram diversos especialistas para tratar doenças físicas, sem identificar o problema como sendo psiquiátrico ou psicológico (VALENÇA, 2013).

3.1.1 Medo como sistema de defesa

Presente em todo e qualquer ser humano, temos o medo como emoção que foi responsável pela preservação da espécie humana, é responsável por nos proteger diante de situações perigosas, nos colocando em sinal de alerta e preparando-nos para agir em defesa, sendo considerado normal somente em situações adequadas. No entanto, quando o medo toma dimensões que fogem ao controle do indivíduo, ele se torna prejudicial, causando vários transtornos, limitações; comprometendo as relações sociais, afetivas e profissionais (BALBINOT; SEHNEM, 2015).

Classifica-se o medo como emoção-choque, baseado em um perigo presente e urgente que ameaça diretamente o ser que o sente. Por consequência, nosso cognitivo simula uma ação de fuga, causando uma reação fisiológica diferente, como aceleração dos batimentos cardíacos ou a diminuição deles, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, constipação, diarreia, um comportamento de mobilização ou de violência. Ao longo da história ocorrem mudanças de concepção e das formas pelas quais o medo se apresenta (SANTOS, 2003).

Quando analisamos o medo em relação ao repertório afetivo do ser humano, é correto afirmar que ele é uma emoção essencial, por vezes favorecer o desempenho de tarefas de natureza motora e cognitiva. Dentro dessa análise, tal processo emocional é visto como fato que aponta valor adaptativo, que tem a sua origem nas reações de defesa, na qual são respostas a situações de ameaças a sua integridade física ou de sobrevivência. Contudo, quando essa emoção supera os parâmetros de normalidade, atingindo seu desempenho rotineiro, passa-se então a ser estudo do sistema de defesa humano (NETTO, 2009).

Em defesa, o medo é aflorado e é caracterizado como impulso de alarme frente a uma ameaça à segurança na qual o sujeito pode e está experimentando. Os medos são instrumentos de investigação, são a ponta do iceberg, pois o ser humano é uma totalidade, na qual emoções de medo o compõe, é cuidando dessa integridade que eles se vão, simplesmente por não serem mais necessários (PONDE, 2012).

O medo pode ser um defensor ou um opressor, isto se dá quando as reações de fuga ou luta são desproporcionais aos estímulos que as impulsionaram, tem um excesso de duração ou a ausência de fonte do perigo que originou o medo, são incluídos nesse processo fobias, ansiedades e pânico. O percurso neural do medo inicia nos órgãos dos sentidos, que recebe os impulsos ambientais de perigo e os informa ao tálamo, estrutura cerebral que opera como uma agência de correios. Sem ter o conhecimento do conteúdo, o tálamo registra a mensagem e a transmite a dois endereços: a amígdala e as zonas sensoriais do córtex. É a amígdala localizada no interior dos lobos temporais, que aciona e rege a as reações fisiológicas e comportamentais de medo. Se as sinapses fossem uma orquestra, a amígdala seria a maestrina que controla o modo como nos comportamos aos sinais de perigo que é manifestado no ambiente. A mensagem vinda do tálamo chega aos núcleos laterais da amígdala (sua porta de entrada) e é avistada. A amígdala faz, então, uma leitura rudimentar, mas necessária à sobrevivência: você está em perigo! Em seguida sistematiza uma série de impulsos fisiológicos e comportamentais para a proteção do organismo, descarregando, através de seu núcleo central (a porta de saída), uma autorização de controle para duas outras estruturas do cérebro, a matéria cinzenta periaquedutal e o hipotálamo. Os comandos dessas duas estruturas resultam em comportamentos imediatos e típicos de defesa, que estimulam os músculos do rosto dando a expressão de medo, outros comandos seguem até a medula espinhal, mandando estímulos às glândulas suprarrenais, liberando adrenalina ao corpo, fazendo com que todo o metabolismo trabalhe mais aceleradamente, todo esse processo dura milésimos de segundos (CRUZ, 2001).

3.1.2 Timidez e Fobia Social

A Fobia Social é definida como um distúrbio de ansiedade que apresenta o medo da interação social. A timidez é empregada para classificar situações diversificadas, em um grau ligeiro, sem interferir no funcionamento social do indivíduo (MAGALHÃES, 2010).

A timidez pode ser definida como uma Fobia Social moderada, assim como a Fobia Social pode ser um caso severo de timidez. A pessoa sente notável desconforto quando se encontra na companhia de desconhecidos, evitando assim o contato com eles. Pensa constantemente que pode estar sendo analisada pelas outras pessoas e por isso demonstra desconfiança, acarretando um nível de estresse muito alto que acaba gerando uma limitação da sua rotina e redução da sua qualidade de vida (CAIRNEY et al., 2007; GREN-LANDELL et al., 2008; WALSH, 2002 apud MAGALHÃES, 2010).

Segundo Guimarães (2015), a Fobia Social é o medo que a pessoa sente quando exposta a situações em que possa ser avaliada por aqueles que estão presentes, ela teme a exposição pública e por isso demonstra ansiedade, pode apresentar tremedeira e atropelamento das palavras.

O indivíduo que sofre com a Fobia Social apresenta um medo acentuado e persistente de se comportar de forma humilhante, constrangedora e inadequada na frente de outras pessoas. As principais reações a essas situações são: sudorese, palpitações, tremores e rubor. Geralmente, o indivíduo evita falar em público, usar banheiros públicos e interagir com as pessoas. (MARKS; GELDER, 1966 apud LEVITAN; RANGÉ; NARDI, 2008).

3.1.3 Medo em Crianças: realidade e fantasia

A criança que está na Educação Infantil encontra muita dificuldade em diferenciar o real da fantasia, para ela, esses dois "universos" são indissociáveis. Com isso, o medo que ela sente, mesmo que envolva algo da fantasia, é um medo real e para controlá-lo, a criança recorre a diversos mecanismos, tais como: a negação pela fantasia, a negação por atos e palavras e a retração do ego diante de um perigo externo (OLIVEIRA; SISTO, 2002).

Até aos 6 anos, os medos mais comuns entre as crianças são os de animais (especialmente cães), do escuro, de tempestades, de médicos e de seres imaginários, esses

medos devem desaparecer à medida em que as crianças crescem (DUPONT, 1983; STEVENSON-HINDE, 1996 apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Cantor (1994 apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006) coloca que a intensa imaginação e a tendência a confundir a aparência com a realidade são os principais propulsores do medo presente na criança. Sendo assim, seus medos são mais fantasiosos do que realistas, característica que é invertida à medida que se atinge a maturidade.

Há duas manifestações de medo: objetivo e subjetivo. O medo objetivo é aquele observado pela criança através de suas experiências anteriores. O objeto do medo é o resultado de lembranças desagradáveis processadas pelo sistema nervoso quando vivenciadas pela criança. Um exemplo a ser dado é a experiência dentro de um consultório odontológico, onde o paciente vivenciou uma situação desconfortável que gerou o medo de dentista. Já o medo subjetivo, é aquele que se desenvolve por situações nunca vividas, que é gerado por meio de relatos desagradáveis contados por outras pessoas, ou seja, a criança constrói um medo dentro de si de algo que existe, mas que ela nunca vivenciou, é como ter medo de dentista sem nunca ter ido a algum (BOTTAN; LEHMKUHL; ARAÚJO, 2008).

3.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento intelectual é um processo que expande no indivíduo a capacidade de aprofundamento do pensamento. Essa competência começa desde muito cedo na criança a medida que ela observa, distingue e conclui. Vários elementos determinam o desenvolvimento intelectual: potencialidade, motivação e interação com o meio, seguindo às tendências naturais, físicas e fisiológicas (ARANHA, 2002). Tem seu início desde bebê, fase em que o pensamento e a linguagem são separados (GOLDFELD, 1997). Por sua vez, Vygotsky (1991) aborda a visão de que essa função se denomina pensamento não verbal e linguagem não intelectual, sendo que a primeiro momento são reações instintivas. Com base nas significações que o bebê tem com a mãe, o choro ou balbucio passam a ter funções de comunicação (GOLDFELD, 1997).

São características das funções do desenvolvimento intelectual: a linguagem, a percepção e discriminação auditiva e visual, o esquema corporal, a lateralidade, a orientação espacial e a ordenação temporal (ARANHA, 2002).

De acordo com Wallon (1941 apud SOUZA, 2011) que privilegia o aspecto afetivo, a emoção antecede as primeiras construções cognitivas, organiza a vida psíquica inicial e a

aponta como papel estruturante no início da vida da criança. O autor define o desenvolvimento como a transição do eu orgânico para o eu psíquico por meio das emoções, que são os instrumentos para a interação com o outro, ainda antes de ser construída a cognição. Portanto, no início da vida, as emoções permitem a construção do conhecimento de mundo e construção da personalidade. Emoção e cognição coexistem no indivíduo em todos os momentos, contudo, em diferentes etapas do desenvolvimento.

Inicialmente, as emoções deslocam-se do plano individual, até então biológico, para assumir uma função superior e simbólica, de significações e sentidos atribuídos pela cultura e pelo indivíduo. (VYGOTSKY, 1993 apud LEITE, 2012).

A linguagem da criança aos três anos de idade, que Piaget denomina fase pré-conceitual, permite a internalização das palavras, sendo também o pensamento construído por um sistema de sinais e possibilita uma melhor estruturação no mundo das imagens. A criança, quando toma posse da linguagem, se depara a uma fonte rica de experiências externas, podendo assim descobrir seus pensamentos e verbalizar suas vontades (MORA, 2015).

Ao longo do tempo, a linguagem deixou de ser um simples meio de verbalizar ideias e necessidades para ser um elo de representação, organização e interação com o meio externo. Cabe a linguagem propiciar na criança as interações intelectuais que acontecem no nível abstrato, deixando o mundo concreto (cheio de limites e submetido a experiências imediatas) para o domínio da linguagem, condição essa essencial para o crescimento do ser humano no meio em que se insere (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

A interação da criança com o meio é crucial para seu desenvolvimento intelectual, para isso, a comunicação se apresenta como principal caminho para essa interação. Nascimento (2004) aponta que Wallon, em alguns de seus textos, cita que a linguagem é a base e um meio para os processos do pensamento e para a construção do "eu", revelando as diferentes fases que a criança passa. Para que a criança se aproprie de suas heranças e culturas que a definem como ser humano, é necessário portar a linguagem e o pensamento, pois são recursos pelos quais, desde a infância, o ser humano decifra os enigmas da sua existência (JUSTO, 2004). Vygotsky defende que as funções psíquicas humanas, como a linguagem oral, não se desenvolvem de forma espontânea, mas através do relacionamento entre as pessoas (MELLO, 2004).

O medo como emoção pode prejudicar a estruturação psicológica do aluno, atingindo a comunicação verbal, como acontece em casos de mutismo seletivo, definido como comportamento que afeta a linguagem da criança, que mesmo não apresentando problemas no desenvolvimento da fala, cala-se e se expressa apenas com pessoas com quem se relaciona

intimamente. Isso afeta a comunicação em lugares públicos, como a escola, visto que a criança se comunica somente com familiares. Quando o canal de comunicação é bloqueado, a aprendizagem pode ser comprometida, o medo pode deixar de ser fator de proteção e passar a ser fator de isolamento na escola, a criança não demonstra curiosidade, não se arrisca, não cria e torna-se um ser totalmente passivo. Quando ela se mantém calada ou tímida demais, é necessário que haja investigações do professor junto a escola, sempre levando em consideração o histórico da criança e não apenas aspectos isolados (TARUMOTO; TAMARU, 2012).

O mutismo seletivo é frequente em ambos os sexos, ocorre no início da infância e se relaciona a aspectos marcantes da personalidade, envolve ansiedade social, retraimento, suscetibilidade ou resistência. Para identificar o transtorno, deve-se observar se a criança fala fluentemente em algumas situações e em outras permanece muda, essa falha precisa ser constante e persistente. Perturbações sócio emocionais podem se apresentar como sintomas nos casos, mas não se classificam como aspectos necessários para o diagnóstico. Geralmente, tem início antes dos cinco anos de idade e permanece por alguns meses ou até anos. A criança com mutismo seletivo denota timidez extrema, ansiedade desordenada, fobia social, transtorno de pânico, transtorno obsessivo-compulsivo (MENICALLI, 2002).

3.3 RELAÇÃO DA APRENDIZAGEM COM O MEDO

A bagagem do indivíduo tem grande influência sobre o aprendizagem, ou seja, suas vivências, sentimentos e interações sociais nas quais se desenvolvem o aprender. O processo de aprendizagem não se limita a receber informações passivamente e ensinar não é apenas uma transmissão de informações. Falamos de aprendizagem interativa, pois aprendizagem supõe uma construção que acontece por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo. Trata-se de uma reconstrução interna e subjetiva, processada e construída interativamente. O ser humano está em constante aprendizagem, processo que ocorre durante toda a vida. Ele se desenvolve e aprende por meio da linguagem, é a partir dela que se cria a realidade e se apropria do conhecimento. A linguagem nos possibilita a consciência de nós mesmos e o exercício do controle voluntário de nossas ações. O processo de aprendizagem é enfrentado pelo indivíduo como uma totalidade, que envolve seus sentimentos, seu corpo, sua capacidade intelectual e o seu esquema referencial. As

dificuldades que surgirem nesse processo, não poderão ser apontadas separadamente, apesar de se manifestarem em uma área específica, não se pode esquecer que toda a personalidade é afetada (GÓMEZ; TERÁN, 2014).

Segundo a concepção Piagetiana, o desenvolvimento cognitivo ocorre no ponto de vista de que o sujeito passa a internalizar uma visão de mundo ao seu redor, que permitirá um equilíbrio em relação às situações às quais serão impostas, ou seja, assim como o corpo biologicamente busca sempre estar em equilíbrio e conforto frente às situações a ele submetidas, a evolução mental também seguirá tais processos para que assim sua interação com o mundo exterior seja harmoniosa e a criança caminhe para uma adaptação e equilíbrio de suas estruturas cognitivas. O desenvolvimento da inteligência se relaciona à socialização do pensamento egocêntrico, característico do primeiro ano de vida, indo ao encontro a um estilo de pensar e de entender a realidade. Nesse caso, a estimulação social é básica para um desenvolvimento cognitivo (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981).

É relevante ressaltar que quando a criança começa a utilizar a linguagem como função simbólica, esta passa a adquirir um significado. O enriquecimento verbal que agora a criança estrutura é particularmente importante para que alcance essas aquisições. Sendo assim, a linguagem tem um papel de influência direta sobre o desenvolvimento do conhecimento. A comunicação verbal com outras pessoas incentiva a criança a expressar sua ação ou relatar algo vivido, é por meio desse diálogo que a socialização acontece de forma mais evoluída. A linguagem ajudará a criança a consolidar a oralidade e ampliar seus limites relacionais (MORA, 2015).

Quando a criança aprende a se comunicar abre-se uma janela para a experiência social, permitindo que ela controle seus sentimentos e expresse-os, desenvolvendo sua autonomia e interação social (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A linguagem verbal também desempenha um importante papel no processo de aprendizagem. Diante disso, conclui-se que para alcançar a aprendizagem é necessário partir de uma ação colaborativa, exigindo a atuação do adulto junto a criança. Uma aprendizagem ativa, que consiste na participação protagonista da criança, depende do fazer compartilhado entre o professor e o aluno, garantido uma relação com a busca pelo conhecimento (MELLO, 2004).

A criança que não se expressa verbalmente, que dificilmente se comunica com os que a cercam e que permanece muito tempo em silêncio apresenta um grande alerta. O comportamento saudável de uma criança é aquele que ela se expressa, reclama, demonstra

sentimentos e emoções. O silêncio é o meio que a criança encontra para mostrar que há algo errado, que algo a incomoda (TARUMOTO; TAMARU, 2012).

As crianças que sofrem com o medo excessivo acabam impedindo a aprendizagem. Além disso, demonstram dificuldade em se relacionar com outras pessoas e não sentem motivação para ir à escola, apresentam baixa autoestima e baixa expectativa em relação ao futuro. Tais dificuldades de aprendizagem podem ter início na Educação Infantil e se intensificar no Ensino Fundamental (CALSA; AMARAL; NASCIMENTO, 2012).

Percebe-se que o medo exerce grande influência no desenvolvimento do indivíduo, incluindo o desenvolvimento intelectual, visto que a comunicação é fortemente afetada, criando grandes barreiras na aprendizagem e impactando diretamente na postura da criança na vida escolar. O desenvolvimento da confiança e da prudência ajudam a prevenir tais medos. É crucial o incentivo à livre expressão de sentimento e erradicação da ridicularização, coerção e a persuasão lógica como tentativa de tratar o medo (CANTOR, 1994 apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A emoção é capaz de modificar resultados antes vistos como condição, tem influência e pode contrariar o que é manifestado naturalmente. Assim, existem complexos afetivos rígidos a razão e que fornecem auxílio rápido e uma totalidade em fases da evolução psíquica ou em situações da vida em que não é provável a resolução. Durante a evolução mental da criança, suas influências afetivas, que a acompanharam desde o berço, não podem deixar de desempenhar intervenções. Não porque a criança tem por origem suas atitudes e maneiras de agir, mas porque é necessário intermediar o decorrer do seu desenvolvimento, quando se mistura o social com o orgânico (WALLON, 1968).

A escola é responsável pelo saber e pelo conhecimento, no entanto a competência do professor faz com que ele colabore para a formação integral do indivíduo, através do seu empenho em educar para o conhecimento, podendo até mesmo auxiliar na superação de desequilíbrios emocionais (RANGEL, 1992).

A afetividade interfere no processo de aprendizagem e o favorece, pois em situações informais a aproximação entre aluno-professor faz com que aconteça a troca de ideias e experiências que podem ser utilizados em sala de aula. Esse relacionamento é, portanto, produtivo e os aproxima para que juntos construam o aprendizado e se desenvolvam em sua totalidade (SILVA, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas realizadas, verificamos que o medo exerce grande influência no desenvolvimento da criança, visto que é uma emoção natural do ser humano que tem como intuito proteger e preservar a vida. Porém, quando seu grau de intensidade é elevado, este pode prejudicar o desenvolvimento intelectual do indivíduo, pois gera um impacto direto em sua capacidade de comunicar-se e relacionar-se socialmente.

A aquisição do conhecimento está intimamente relacionada à expressão oral de ideias e outras formas de linguagem. Para isso, é necessário que aconteça um desenvolvimento saudável e contínuo da capacidade de comunicação através da linguagem oral, pois com ela, o indivíduo se torna capaz de se expressar com autonomia, interagir com o meio e realizar trocas de informações para construir e reconstruir conceitos. Entendemos a linguagem como sendo a ponte entre sujeito-aprendizagem, sem ela a criança encontra grandes dificuldades para desenvolver-se intelectualmente, sendo esta uma questão preocupante e crítica para nós como pedagogas.

Buscando identificar as possíveis barreiras entre criança-aprendizagem, nos deparamos com o medo, que pode ser um obstáculo para esse processo. O medo, quando extrapola os limites naturais, gera insegurança, fuga e inquietação, que podem comprometer a comunicação da criança, pois esta, em uma tentativa de defesa, se retrai e se isola para evitar sua exposição. Esse bloqueio suscita uma deficiência no desenvolvimento intelectual da criança, podendo acarretar consequências permanentes e irreversíveis, já que o medo é tratado com descaso e falta de seriedade. Sendo classificado como uma emoção corriqueira, raramente é identificado como excepcional. Consideramos que o medo pode se apresentar em diferentes níveis de intensidade e em cada caso, o indivíduo apresenta comportamentos distintos, fazendo-se necessário o estudo de cada tipo de medo para lidar de maneira mais eficiente com o sujeito.

Destacamos a importância do olhar diferenciado e da observação detalhada diante do comportamento da criança, a fim de verificar qualquer mudança significativa e buscar entender suas dificuldades e temores. Para isso, se faz indispensável o acolhimento da família, a parceria com a escola e quando necessário, o apoio de especialistas. É válido ressaltar que a afetividade exerce importante papel para o tratamento do problema e restabelecimento do equilíbrio emocional da criança. Através do relacionamento afetivo, se estabelece uma confiança e é por meio dela que a criança consegue expressar seus medos e aceitar o amparo.

Concluimos que a fala pode ser prejudicada pelo medo e isso afeta diretamente a aprendizagem, justificando assim, a relação entre o medo e o desenvolvimento intelectual da criança. Consideramos ser de extrema importância o estudo dessa ligação para auxiliar de maneira efetiva o progresso saudável e natural do indivíduo. Como pedagogas, temos como prioridade o desenvolvimento da criança e do seu intelecto, para isso, buscamos nos capacitar a fim apoiar a criança frente às necessidades que surgirem nesse caminho, entre sujeito e aprendizagem. Com isso, alcançamos o objetivo traçado para esse trabalho, comprovando a influência que o medo exerce no desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **Emoção na sala de aula**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

ARANHA, M. L. A. R. **Desenvolvimento Infantil na creche**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BALBINOT, S.; SEHNEM, S. B. Medo? De que? **Psicologado Artigos**, Ceará, v. 1, n. 1, p. 13-25, jan. 2015.

BESSET, V. L.; NIGRI, K. K.; ALMEIDA, L. P. de. A fobia e o pânico em suas relações com a angústia. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 177-180, maio/ago. 1999.

BOTTAN, E. R.; LEHMKUHL, G. L.; ARAÚJO, S. M. Ansiedade no tratamento odontológico: estudo exploratório com crianças e adolescentes de um município de Santa Catarina. **RSBO**, Santa Catarina, v. 5, n. 1, p. 13-19, dez. 2008.

CALSA, G. C.; AMARAL, T. C.; NASCIMENTO, M. C. Crianças com transtorno de ansiedade e suas possibilidades de aprendizagem na escola por meio da descentração. **UEM**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-6, jan./dez. 2012.

CRUZ, A. P. de M. A ciência do medo e da dor. **Ciências Hoje**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 174, p. 16-23, ago. 2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Aurélio júnior**: dicionário da língua portuguesa. Curitiba, PR: Positivo, 2005.

FIORI, M. R. **Estudo sobre o medo e a ansiedade no tratamento odontológico**. 60 f. 1999. Monografia (Especialização em Odontopediatria)-Centro de ciências e saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

GUIMARÃES, A. M. V. et al. Transtornos de Ansiedade: um estudo de prevalência sobre as fobias específicas e a importância da ajuda psicológica. **Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, v. 3, n. 1, p. 115-128, nov. 2015.

GÓES, M. P. S. de et al. Ansiedade, medo e sinais vitais dos pacientes infantis. **Odontol. Clín. Cient.**, Recife, v. 9, n. 1, p. 39-45, jan./mar. 2010.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. Maringá, PR: Grupo Cultural, 2014.

JUSTO, J. S. A Psicanálise Lacaniana e a Educação. In: CARRARA, K. (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação**. São Paulo, SP: Avercamp, 2004. cap. 3, p. 71-103.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, p.360-361, jan./dez. 2012.

LE MOS, L. S.; MUSSOI, M. B. Os fatores relacionados à fobia em crianças e as contribuições do brincar para o seu tratamento. **Mudanças- Psicologia da Saúde**. São Paulo, v.1, n.2, p. 20-29, jan./dez. 2010.

LEVITAN; M.; RANGÉ, B.; NARDI, A. E. Habilidades Sociais na Agorafobia e Fobia Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 95-100, jan./mar. 2008.

MAGALHÃES, R. T. **Da timidez à fobia social**. 2010. 61 f. Tese (Mestrado em Medicina)-Área Científica de Psiquiatria, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

MARQUES, K. B.; GRADVOHL, M. P. B.; MAIA, C. G. Medo e ansiedade prévios à consulta odontológica em crianças do município de Acaraú- CE. **RBPS**, Fortaleza, v. 23, n. 4, p. 359-367, out./dez. 2010.

MELLO, S. A. A Escola de Vygotsky. In: CARRARA, K. (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação**. São Paulo, SP: Avercamp, 2004. cap. 5, p. 135- 153.

MENICALLI, D. O transtorno mutismo seletivo e ludoterapia. **Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta**, Jundiaí-SP, v. 4, n. 8, p. 49-58, out. 2002.

MESTRE, M. B. A.; CORASSA, N. Da ansiedade a fobia. **Revista Psicologia Argumento**, Paraná, v. 18, n. 26, p. 105-126, abr. 2000.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 1, p. 153-161, jan./abr. 2015.

MORA, E. **Psicopedagogia Infanto-adolescente**: a infância do segundo até o oitavo ano de vida. Maringá, PR: Grupo cultural, 2015.

NASCIMENTO, M. L. B. P. A Criança Concreta, Completa e Contextualizada: A Psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA, K. (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação**. São Paulo, SP: Avercamp, 2004. cap. 2, p. 47-67.

NETTO, E. F. C. Medo e ansiedade: aspectos comportamentais e neuroanatomicos. **Arq. Med. Hop. Fac. Cienc. Med. Santa Casa**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 62-65, jan./dez. 2009.

OLIVEIRA, S. M. da S. S.; SISTO, F. F. Estudo para uma escala de ansiedade escolar para crianças. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 57-66, jun. 2002.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. São Paulo, SP: Artmed, 2006.

PONDÉ, D. Z. F. **O conceito de medo em Winnicott**. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RANGEL, A. C. S. **Educação Matemática e a construção do número pela criança**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1992.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**: a idade pré-escolar. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1981.

SANTOS, L. O. dos. O medo contemporâneo: abordando suas diferentes concepções. **Psicologia ciências e profissão**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 48-55, jun. 2003.

SILVA, C. A. da. **A gestão participativa no auxílio do processo ensino-aprendizagem**. 15 f. 2014. Monografia (Especialização em Gestão)-Faculdade São Judas Tadeu, Rio de Janeiro, 2014.

SINGH, K. A.; MORAES, A. B. A. de; AMBROSANO, G. M. B. Medo, ansiedade e controle relacionados ao tratamento odontológico. **Pesq. Odont. Bras.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 131-136, abr./jun. 2000.

SOUZA, M. T. C. C. de. As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 252, abr./jun. 2011.

TARUMOTO, E. C. C. R.; TAMARU, Â. H. O medo na escola como uma emoção que prejudica a aprendizagem, a comunicação e o relacionamento interpessoal na educação infantil (mutismo seletivo). **Revista Educativa**, Nova Odessa, v. 6, n. 1, p. 7-21, jan./dez. 2012.

VALENÇA, A. M. Transtorno de pânico: aspectos psicopatológicos e fenomenológicos. **Revista debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 6-10, jul./ago. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Fontes, 1991.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

Autorizamos cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica das autoras. Autorizamos também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Beatriz Oliveira Barreto

Caroline Fernandes Carvalho Pedroso

Mariana Oliveira Barreto

Pindamonhangaba, maio de 2018.